

20 A 25 DE NOVEMBRO: PELO FIM DO MACHISMO E DO RACISMO

Boletim informativo especial da CSP-CONLUTAS - Luta Contra as Opressões - novembro de 2010

Mulheres em Luta

Não à violência Contra Mulher!

Desde 1981, 25 de novembro é o “Dia Latino-Americano e Caribenho de luta contra a violência à mulher”, em referência ao assassinato de três irmãs pela ditadura de Rafael Trujillo, na República Dominicana, em 1960. Passados 50 anos, o fim da violência à mulher e o machismo ainda estão longe de acabar. São demandas urgentes de nossa classe.



Foto: Blog Coletivo Pagas

Vamos mostrar a força de nossa luta

Dez morrem por dia - Dados baseados em informações do SUS revelam que, nos últimos dez anos, morreram 41.532 mulheres assassinadas, uma média de dez a cada dia. Casos como os de Elisa Samúdio e Mércia Nakashima demonstram uma parte do que é a realidade de muitas. As trabalhadoras são as que mais sofrem com a violência.

Lei Maria da Penha - Após quatro anos da vigência da lei, a violência contra a mulher não diminuiu. Isso se explica, em parte, porque não foi aplicada, já que o governo cortou

quase 50% do orçamento para sua efetivação. Por outro lado, porque é limitada, não obriga o Estado a construir casas-abrigos, investir em atendimento jurídico e psicológico, assim como não instrumentaliza o arcaico e machista sistema judiciário e penal de nosso país. As trabalhadoras, por suas condições econômicas, são as que têm menos recursos e, por isso, as que mais sofrem com a ausência de uma política de Estado eficiente.

Violência - No capitalismo, a violência contra as mulheres assume várias formas, desde a violência do Estado

- que nega direitos básicos às trabalhadoras: saúde, educação, licença-maternidade, aborto, moradia - até a violência física e psicológica decorrente do machismo. Com a crise econômica atual, as ideologias de submissão ajudam a ampliar a exploração das mulheres trabalhadoras. Assim, a luta contra a violência é também a luta por outra sociedade, contra o capitalismo e pelo socialismo.

Com Dilma, trabalhadoras não chegaram ao poder - Dilma venceu as eleições aceitando as regras do capital que a financiou. Prometeu não modificar a legislação do aborto, fechando os olhos para as inúmeras trabalhadoras que morrem vítimas de operações mal sucedidas. Dará continuidade a um governo que cortou verbas dos programas de combate à violência, que não garantiu licença maternidade de seis meses para todas e manteve um déficit de 84% de vagas em creches públicas. Agora, promete fazer uma nova reforma da previdência, que afetará, mais uma vez, as mulheres trabalhadoras, que só chegarão ao poder com organização e luta.

LUTAMOS:

- Pelo fim da violência contra a mulher! Punição aos agressores, construção de casas-abrigo!
- Contra a criminalização das mulheres que lutam!
- Creche em período integral, públicas, gratuitas e de qualidade!
- Licença-maternidade de 6 meses para todas, sem isenção fiscal, rumo a 1 ano!
- Contra a reforma da previdência. Em defesa da previdência pública!
- Contra o machismo e a exploração. Salário igual para trabalho igual!

20 de novembro: Dia da consciência negra



Foto: Rodrigo Correia

Semana de lutas da CSP-CONLUTAS denunciará preconceito e o racismo

O preconceito racial é um crime que só interessa ao capitalismo, para continuar super-explorando os trabalhadores, especialmente no momento de crise econômica internacional pelo qual passa o mundo. Por isso, no mês da consciência negra, vamos relembrar Zumbi dos Palmares e os “100 anos da Revolta da Chibata”, reafirmando nossa luta contra a opressão e contra a exploração.

Não ao Estatuto da (des)Igualdade Racial!

Em maio de 2010, o governo Lula, em acordo com a bancada ruralista do senado, aprovou a Lei do “Estatuto da Igualdade Racial”. Os setores

do movimento ligados ao governo comemoram. Mas a verdade é que esse Estatuto não beneficiou os negros e negras da classe trabalhadora. Ficaram de fora as cotas negros nas universidades. As cotas de negros para o mercado de trabalho caíram de 30% para 10%. As terras dos quilombolas não foram reconhecidas. Por isso, está na contramão da luta do povo negro e é um retrocesso para nossa classe.

Precisamos denunciar essa medida e lutar por um estatuto que seja, de fato, um instrumento para ajudar a combater o racismo em busca de uma sociedade onde não haja desigualdades de raça e classe, uma sociedade socialista.

Lutamos:

- Contra toda forma de racismo!**
- Fim da violência étnica, da criminalização da pobreza e dos que lutam!**
- Cotas para negros nas universidades!**
- Reconhecimento das terras quilombolas!**
- Pela imediata retirada das tropas militares do Haiti!**
- Pelo feriado nacional de 20 de novembro!**

Consciência Negra

No dia 20 de novembro de 1695, morreu Zumbi dos Palmares, líder da luta pelo fim da escravidão e exploração. Ele mostrou aos negros e negras daquela época que, para se livrar da escravidão e conquistar a liberdade, era preciso construir um novo tipo de sociedade. Por sua representação para a luta do povo negro trabalhador, essa data se transformou em uma referência de luta lembrada até hoje.

100 anos da Revolta da Chibata

No dia 22/11 de 1910, marinheiros liderados por João Cândido rebelaram-se contra os açoites e má alimentação, em defesa do aumento dos soldos. O movimento, apesar da intensa repressão, fez o governo retroceder e levou os trabalhadores à vitória. Essa luta foi uma das mais importantes no período da república brasileira e ficou conhecida como “A revolta das Chibatas”. Em 2010 completam 100 anos desse movimento, cuja luta por liberdade e igualdade de direitos continua vigente.

Pelo fim da Ocupação Militar no Haiti!

O Haiti é um dos países mais pobres do mundo. A população é composta, majoritariamente, por negros. Falta água. Não há redes de esgotos e o sistema de saneamento é precário. O governo é pelas forças armadas brasileiras, que ocuparam o território desde 2004. Os trabalhadores estão submetidos à intensa exploração. Recentemente, o país sofreu um devastador terremoto e, agora, enfrenta furacões, enchentes e cólera. Exigimos do governo a retirada imediata das tropas militares brasileiras do Haiti. Solidariedade, sim! Armas, não!